



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17310 - Painel Temático - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

Painel Temático

Imagens e sons nas pesquisas em educação

Janete Magalhaes Carvalho - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Nilda Guimarães Alves - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria da Conceição Silva Soares - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rodrigo Barchi - UNIVERSIDADE DE SOROCABA

Ana Karina Brenner - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Noale de Oliveira Toja - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

IMAGENS E SONS NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Nilda Alves (UERJ)

Conceição Soares (UERJ)

Leonardo Nolasco-Silva (UERJ)

Noale Toja (UERJ)

Rodrigo Barchi (UNISO)

Ana Karina Brenner (UERJ)

Janete Magalhães Carvalho (UFES)

RESUMO

Apostando na escola como espaço/tempo de uma estética da existência, os textos que compõem o painel trazem para a discussão a marca de seus autores e dos resultados de suas pesquisas, para *verouvirsentirpensar* de outro modo a escola com o uso de imagens e sons por uma educação transindividual em uma bricolagem de experimentações e criações. Enfim, o uso de imagens e sons nos processos de pesquisa e de ensinar e aprender é a proposta que une

os textos aqui apresentados, a saber: a) *Nossos 'temposespaços' de 'fazersentirpensar' as pesquisas em educação estão exigindo outras formas de criação e troca de conhecimento significações*; b) *Pesquisar com os cotidianos é atuar numa ilha de edição*; c) *Apropriações e interfaces entre jovens fora de série e jovens professor@s em formação*. Os textos enfocam como as imagens e sons tomam posição como ato de cocriação na educação envolvendo diferentes perspectivas correspondentes a diferentes áreas do saber em composição do inteligível com o sensível, Essa compreensão de que os *'espaçostempos'* educativos são sempre criativos, permitiu melhor compreender a necessária relação de troca – em múltiplas formas – entre universidades e escolas e entre pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens; Sons; Pesquisa; *Conhecimento significações*; Cotidianos escolares.

NOSSOS *temposespaços* D E *fazersentirpensar* AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO ESTÃO EXIGINDO OUTRAS FORMAS DE CRIAÇÃO E TROCA DE *conhecimento significações*

Nilda Alves (UERJ)

Conceição Soares (UERJ)

Iniciamos este texto trazendo algo escrito por uma de nós em sua tese para titular (ALVES, 2000), há vinte e quatro anos, para indicar que a preocupação com que estamos escrevendo este texto, nos acompanha há muito tempo:

Ford (1994), fazendo uma digressão em um texto no qual discute o futuro da América Latina, em especial quanto ao campo das comunicações, transcreve um trecho do “Manual das Forças Armadas dos Estados Unidos”, na parte em que trata da sobrevivência. A história, que na verdade são recomendações, trata de situações limites e, no caso concreto, de quando se tem que enfrentar um tubarão. Diz o “Manual” e transcreve Ford:

5. *Nadar com movimentos enérgicos e compassados. Pode-se fingir um desmaio deixando o corpo boiar até onde se encontra o animal: com isto, às vezes, ele se assusta e vai embora;*

6. *Nunca escapar de costas para o tubarão nem seguindo sua mesma trajetória; o nadador se situará de frente e avançará com rapidez e em linha oblíqua de um lado ou outro;*

7. *Fazer muito ruído golpeando ritmicamente a superfície da água com as mãos fechadas. De vez em quando, afundar a cabeça e lançar, para dentro d'água, um grito estridente. É verdade que os tubarões são atraídos pelo barulho e pelo movimento, mas, próximo à sua vítima presumida, isto deve assustá-los;*

8. *No caso de ataque efetivo, apunhalar o tubarão com uma faca, se possível no focinho, nos olhos, nas guelras ou no ventre;*

9. *Em última instância, rechacá-lo com patadas ou socos, ou ainda, segurá-lo em um dos lados pelas barbatanas laterais e nadar com ele, mantendo-o assujeitado até que as circunstâncias permitam soltá-lo sem perigo de que volte a atacar. (p.206)*

Ford comenta, inicialmente, preocupado com as questões de comunicação, que o texto citado não resistiria nada, *por suas ambigüidades e ruídos*, ao modelo comunicacional predileto do discurso militar – *unidirecional e shannoniano*...E, no entanto, aí estão estes ruídos e ambigüidades! Mas não é só por causa disso que o exemplo é trazido, mas sim, em primeiro lugar, porque o autor ressalta que na América Latina, no presente momento, parece que optamos pela última recomendação e estamos *agarrados às barbatanas, esperando que o tubarão se esqueça de nós*. Em segundo lugar, o exemplo é trazido para este trabalho porque o autor nos chama a atenção para o fato de que “nossos” tubarões, mesmo quando não são coerentes entre si e mesmo se decidirem se esquecer de nós, o que é muito pouco provável, *existem*.

A busca por novas formas de contato entre nós, afirmamos, se faz urgente, porque “nossos tubarões” cresceram de tamanho e se multiplicaram, nos últimos tempos. Isso, nos exige pensar na criação de novas formas de troca entre nós para organizar nossa maneira de lidar com eles.

A NECESSIDADE DA CIRCULAÇÃO CIENTÍFICA

Em sua dissertação e em sua tese, Caldas (2010; 2015) nos faz entender que em Ciências Humanas e, especialmente, em Educação, as pesquisas que realizamos na criação de novos ‘*conhecimentossignificações*’ nesse campo fez aparecer a “circulação científica” entre os ‘*praticantespensantes*’ das múltiplas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos, bem como, entre os tantos ‘*espaçostempos*’ nos quais são criados ‘*conhecimentossignificações*’ – na Academia e nas escolas, quando pensamos e pesquisamos em Educação.

Em artigo publicado no livro *Produção e difusão de ciência na cibercultura*, Caldas e Alves (2018) lembram que:

Estamos, assim, mergulhadas em redes cotidianas complexas e múltiplas, buscando compreender os modos de divulgação da produção científica por docentes e para docentes e discentes em formação em processos curriculares, focadas no “uso” (CERTEAU, 1994) de artefatos culturais múltiplos, nas redes educativas, como meio de “circulação científica” de pesquisas em Educação. Essas redes educativas diversificadas, as relações entre ‘*praticantespensantes*’ que por elas circulam, os fluxos diferentes de ‘*conhecimentossignificações*’ que nelas e entre elas são estabelecidos constituem os fios que nos permitem estabelecer trocas com e entre os usuários, ‘*dentrofora*’ das escolas e das universidades. (p. 192)

As autoras continuam escrevendo:

Com isso, foi possível reafirmar que na prática do professor há sempre aspectos teóricos que, mesmo quando não conscientes, influenciam suas ações. Por outro

lado, entendemos que as práticas exercidas permitem acumulação de ‘*conhecimentossignificações*’ que vão engendrar núcleos teóricos sobre o pedagógico e o curricular. É nesse sentido que temos preferido usar a expressão ‘*prácticasteorias*’ ao nos referimos ao que sucede nos ‘*espaçostempos*’ educativos, incluindo os das escolas, nas relações docentes-discentes, nos atos pedagógicos realizados em comum. (p.192)

Essa compreensão de que os ‘*espaçostempos*’ educativos são sempre criativos, permitiu melhor compreender a necessária relação de troca – em múltiplas formas – entre universidades e escolas, nos ‘*conhecimentossignificações*’ criados em seus múltiplos ‘*espaçostempos*’.

BUSCAR NOVAS FORMAS DE CIRCULAÇÃO CIENTÍFICA

Isso permitiu que indagássemos também as relações de troca entre os grupos de pesquisa, nos tantos locais em que acontecem: artigos publicados, participação em bancas, congressos e, estimulados no período da pandemia recente, em *lives* etc.

Pudemos perceber e acompanhar algumas buscas em momentos dessas trocas: aglutinações de corpos em movimento como percebemos no último XII CIFE (Colóquio Internacional de Filosofia da Educação), no qual se propôs múltiplas andanças por cidades do estado do Rio de Janeiro. Ou narrativas ou ritos coletivos para grupos grandes que usavam da palavra, em seguida, como nos foi narrado acontecer em Salta/AR, no X Encuentro Iberoamericano de Colectivos y Redes de Educadoras y Educadores que Investigan desde la Escuela y la Comunidad para la Emancipación.

No X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons buscamos, também, outra forma de nos encontramos nos ‘*conhecimentossignificações*’ produzidos em nossas pesquisas. O X Seminário reuniu 32 diferentes grupos de pesquisa, com uma metodologia inovadora de compartilhamentos a que nomeamos “apropriação criativa”. Para ela, cada grupo participante ofereceu uma criação sua – de texto já publicado (artigo ou livro) a filme produzido em especial para o X Seminário, em uma enorme variedade. O trabalho de cada grupo foi compartilhado criativamente por outro grupo e este apresentava sua criação a partir do trabalho de outro grupo, em breve apresentação a todos os grupos.

É em torno desta última proposta – para sua análise e base questionadora – que organizamos este painel temático.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação científica; Formas de troca científica; Pesquisa em educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **A AULA:** redes de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender. Rio

de Janeiro: UERJ, 2000. (tese de titular).

CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Circulação científica na criação de ‘conhecimentossignificações’ em uma pesquisa em andamento: movimentos de um vídeo no Google. PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; ROSA, Flávia (orgs). **PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE CIÊNCIA NA CIBERCULTURA: narrativas em múltiplos olhares**. Ilhéus: Editus, 2018:189 – 202.

FORD, Anibal. Decidir en situaciones de incertidumbre. In FORD, Anibal. **NAVIGACIONES – comunicación, cultura y crisis**. Buenos Aires: Amorrurtu, 1994.

PESQUISAR COM OS COTIDIANOS É ATUAR NUMA ILHA DE EDIÇÃO

Leonardo Nolasco–Silva (UERJ)

Noale Toja (UERJ)

Trata-se de uma conversa tecida com imagens e sonoridades, em movimento, editadas a partir de dois experimentos audiovisuais, produzidos pelos grupos de pesquisa ‘*Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons*’ e ‘*Cibercultura, Educação e Narrativas Audiovisuais (CENA)*’, ambos da Uerj, no contexto do X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Educação, Imagens e Sons. O diálogo proposto assumiu a feitura da pesquisa com os cotidianos enquanto artesanía ficcional que se dá em processos de montagem realizados numa espécie de *ilha de edição* (Nolasco-Silva, 2024). O pesquisador e a pesquisadora cotidianistas são contadores de histórias que atualizam as memórias dos interlocutores de suas pesquisas, acoplando a essas memórias - atualizadas e inventadas - suas próprias lembranças e marcas, tornando-se ‘*caçacaçadores*’ dos temas que investigam (Ferraço, 2021). O que se tem como resultado é, pois, uma bricolagem de afetos, negociados em meio a decisões éticas, políticas, estéticas, poéticas, cujo produto que se dá a ver na tela (e nos textos e noutros formatos derivados...) não é necessariamente biográfico, mas autoficcional. As histórias que escolhemos contar são aquelas que nos atravessam, mas não são nossas – no sentido de um *eu narcísico narrador*. São histórias *transindividuais* (Escóssia, 2010), coletivas, grávidas dos encontros que tivemos com o outro. Pensar a autoficção no bojo da transindividualidade nos remete ao movimento proposto por Alves (2015) como sendo àquele que sustenta as pesquisas com os cotidianos, conferindo sentido ao nosso trabalho – o *Ecce Femina*. Em última instância, o que importa verdadeiramente naquilo que fazemos é a voz daqueles que constituem os cotidianos – ou melhor, a pluralidade de vozes e de expressividades dos sujeitos que cruzam os nossos caminhos e que são coautores das nossas pesquisas. Por isso, os filmes criados para o X Seminário e que agora nos servem de pretexto para essa conversa possuem como pontos de partida as narrativas de pessoas comuns que inventam mundos a partir da linguagem fílmica, costurando vidas através das

experiências de identificação ao acessarem sentimentos, afetos, percepções de acontecimentos que passam a compor suas fabulações na potência do falso (Deleuze, 2005). *Como o que se vê na tela* – que é o título do filme criado para conversar com o original *Cineconversas com o filme Menino 23* - já traz no nome esse apelo à identificação. Não se trata de colocar-se no lugar do outro - porque esse será sempre o lugar do outro - mas de perceber nas histórias apresentadas na tela pontos de convergência com aquilo que nos é familiar ou, ao menos, com aquilo que nos sensibiliza ao ponto de nos inspirar a falar alguma coisa após a exibição de uma cena. Para melhor compreensão, vamos chamar de *filme 1* àquele que conversa com o documentário *Menino 23* e de *filme 2* o que foi produzido como apropriação criativa deste. O contexto do *filme 1* foi o seguinte: Reunidos na plataforma Zoom, um grupo de professoras e professores narra suas impressões após assistirem o filme *Menino 23*. Aos poucos essas impressões vão dando lugar aos relatos de vida, mais ou menos ancorados nas histórias do filme. E um novo filme vai sendo produzido ali, “ao vivo”, mais ou menos sem roteiro, já que há – no processo de mediação e, posteriormente, de edição – escolhas das falas, composições de ordenação das sequências que criam as conservas com intenções, além da simulação de alguém que assiste ao filme, usando a suposta simulação como tática (Certeau, 2014) para incorporar trechos do filme que origina todo processo na composição de uma ideia de acaso da pesquisa, na potência do falso ou na potência do brincar (Toja, 2021), como um gesto de brincar em criar outras narrativas que vão revelando as diferenças, não presa ao conceito de uma realidade hegemônica, escrita pela história clássica, ou da modernidade, mas como outras experiências possíveis de existências. A plataforma Zoom, nesse contexto, assume outra dimensão, com suas características de videochamada ou de reunião remota, criando possibilidades de usos estéticos, éticos, políticos e poéticos para a criação de outras audiovisuais, no ritual mediado por telas das novas salas de aula viabilizadas por tecnologias de encontro (Nolasco-Silva; Lo Bianco, 2022). São esses relatos que, devidamente roteirizados pelo pesquisador cotidianista em sua ilha de edição, constituem a base do *filme 2*. Nele, o que se pretendeu praticar foi um movimento chamado *narrar a vida, autoficcionalizar e hipermedializar a ciência*, inspirado no *narrar a vida e literaturizar a ciência*, proposto por Alves (2015). Com o auxílio de uma inteligência artificial (Dall-e), os relatos foram ilustrados e “montados”, usando a técnica do *‘praticantepensante’* alegórico (Nolasco-Silva, 2019), onde as narrativas perdem o caráter biográfico e assumem uma função problematizadora.

‘Praticantepensante’ alegórico é uma escolha metodológica caracterizada pela reunião de múltiplas vozes que, sob o signo de uma identidade única, exercem no texto uma função-informante. Trata-se da junção de pedaços de narrativas, produzidas por diversos interlocutores de pesquisa, que nos ajudam a pensar sobre determinado tema. Não possui, pois, um caráter biográfico, mas unicamente comunicativo – ilustração de certos modos convergentes de pensar entre sujeitos de uma mesma comunidade. Os *‘praticantepensantes’* alegóricos funcionam, nesse sentido, como personagens conceituais. (Nolasco-Silva, 2024, p.3)

Como fio narrativo, para encadear a trama, uma música foi composta, formada por versos inspirados nas falas dos interlocutores dos filmes. A ideia desses usos (Certeau, 2014) diversos dos artefatos tecnoculturais postos ao consumo no mercado é explorar as possibilidades de expandir nossos modos de comunicar e de fazer circular nossas pesquisas, criando com as tecnologias e com as pessoas, praticando a vida como obra de arte (Foucault, 1994), escapando das armadilhas da representação, assumindo a ficção como modo legítimo de produzir ‘*conhecimentossignificações*’ em um mundo cada vez mais plural em termos de manifestações tecnoculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Cineconversas; Autoficção; Artefatos Tecnoculturais; Pesquisas com os cotidianos; Inteligência Artificial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Praticantepensante* DE COTIDIANOS. Organização e introdução de Alexandra Garcia e Inês Barbosa de Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A INVENÇÃO DO COTIDIANO: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. *IMAGEM-TEMPO, CINEMA 2*. Tradução de Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005, p. 155-178.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *CURRÍCULOS EM REDES E PESQUISAS COM OS COTIDIANOS E... MOVIMENTOS, REPETIÇÕES E DIFERENÇA NA IMANÊNCIA DE UMA VIDA*. Curitiba: CRV, 2021.

FOUCAULT, Michael. À propos de la généalogie de l'éthique: un aperçu du travail en cours (entrevista com H. Dreyfus e P. Rabinow, segunda versão). *In: DITS ET ÉCRITS (1980-1988)*, t. 4, Paris: Gallimard, 1994. p. 609-631.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. *TECNODOCÊNCIAS: a sala de aula e a invenção de mundos*. Salvador: Editora Devires, 2019.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; LO BIANCO, Vittorio. *OS ISOLADOS E OS AGLOMERADOS DA CIBERCULTURA: ensino remoto emergencial, educação a distância e educação online*. 1. ed. – Salvador, BA: Devires, 2022.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. As Redes Educativas de ‘*Práticasteorias*’ Cibercorporais. *EAD EM FOCO*, v.14, n. 2, e2266, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i2.2266> .

TOJA, Noale. *MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E SEUS ‘FAZERESSABERES’ CULINÁRIOS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS COMO QUESTÃO CURRICULAR*. Tese de Doutorado/UERJ. Defesa em maio de 2021.

Participantes que fomos da iniciativa inovadora do X Seminário em Educação de Laboratórios e Grupos de Pesquisa Imagens e Sons, em maio de 2024, no âmbito da UERJ, compartilhamos neste trabalho o resultado de experiências de pesquisa do Observatório Jovem do Rio de Janeiro e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares. Considerando a proposta desta 10ª edição do seminário, cada grupo participante encaminhou um trabalho para ser acolhido por um outro grupo de pesquisa participante e este deveria produzir uma apropriação deste trabalho a partir do que ele permitia inspirar, produzir, se imbricar nas experiências do grupo que o recebia. A distribuição dos trabalhos pelos grupos de pesquisa foi feita por meio de sorteio, ainda que as sinergias tivessem sido tantas que muitos de nós, participantes do seminário, tivéssemos questionado se não teriam sido escolhidos os grupos pelos organizadores do evento. O grupo de pesquisa em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares encontrou forte sinergia com o vídeo que explicitava um aspecto metodológico da pesquisa com imagens realizada pelo Observatório Jovem do Rio de Janeiro. E o produto da apropriação é expressão de uma inspiração com um trabalho autoral do coordenador do grupo, em parceria com seus orientandos e orientandas, que acolheu o trabalho e jovens professor@s em formação.

O Observatório Jovem compartilhou um vídeo de 17 minutos com um recorte sobre parte da metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa “Jovens fora de série: trajetórias truncadas de estudantes do ensino médio no estado do Rio de Janeiro”. A pesquisa se desenvolveu em várias etapas e utilizou de alguns dispositivos de imagens que dessem suporte à reflexividade sobre si dos jovens participantes da pesquisa e também que ajudassem a animar um grupo de diálogo entre jovens que não se conheciam até o momento em que a pesquisa os reuniu. Um varal fotográfico a partir do qual falavam de si junto com os outros jovens formadores do grupo. Um desafio fotográfico, “de narrar fotograficamente o seu percurso biográfico” (Brenner e Carrano, 2024: 13).

A pesquisa com jovens exige criatividade e uma abordagem metodológica diversificada para captar suas diversas experiências e desigualdades. Apenas entrevistas orais podem não refletir adequadamente contextos complexos ou controversos. Usar uma combinação de técnicas e métodos pode proporcionar uma visão mais completa das interações juvenis na sociedade atual. Este trabalho se foca na criação e uso de imagens como ferramenta central de análise (Brenner e Carrano, 2024). Nesta indicação reside a imaginação sociológica (Mills, 1972) que pode produzir arranjos metodológicos necessários para que os indivíduos que buscamos conhecer possam narrar suas próprias experiências.

Com este artefato em mãos o Grupo de Estudos e Pesquisa em Democracia, Ecologias e Cotidianos Escolares se colocou em ação, junto a estudantes do curso de Pedagogia,

Filosofia, Mestrado e Doutorado em Educação, a pensar e dar expressão a seus processos de formação, em conexão às discussões e pesquisas realizadas pelo grupo, ao redor das democracias absolutas e radicais em face ao cotidiano escolar e às educações ambientais (Barchi, 2024).

Um conjunto de imagens, de lugares e situações de estudo e trabalho (casa, universidade, escola, livros etc) foi usado, apresentadas acompanhadas de palavras e uma composição sonora possível, necessária a partir de uma trilha sonora cacofonizada/esquizofrenizada, que envolvia composição de conjuntos folk metal indígenas do Brasil, de música extrema grindcore, de mangubeat e artistas do cancionero e do samba. O conjunto de fotos se repetiu com intervenções variadas de filtros e distorções de imagens sempre com novas palavras e uma trilha que emendava variações e sobreposições musicais. *Condenação, exclusão, reclusão, apagamento, marginalização, (des)envolvimento, infer(ce)no, isolamento, indignidade, negacionismo, injustiça, perseguição, alienação, recusa, reivindicação, fuga, resgate, desobediência, retomada, revolta, interação, grito, saberes, indignação, enfrentamento, desterritorialização, coletivizar, ecologizar, escolarizar, memorializar, indisciplinar, andarilhar, desinfer(ce)nalizar, reunir, democratidignar, ensinaraprender, esperarçar, eticizar, olharver*, foram as palavras expressas. Elas foram escolhidas – ora aleatoriamente, ora incisivamente – pelos participantes do GEDECE, conforme as imagens iam sendo revistas e distorcidas por quem as havia produzido. Assim também foram escolhidas as músicas e dispostas no vídeo, durante as reuniões em que o grupo se debruçou na produção do artefato.

A legenda inicial do vídeo que expressa a apropriação do grupo revela: “GEDECE...recebe o trabalho do...”, seguido da tela “GEDECE... se apropria do trabalho...” e “GEDECE... homenageia e se inspira pelo trabalho...”. Essas telas iniciais expressam a bem sucedida proposta para apresentações de trabalho do X Seminário em Educação de Laboratórios e Grupos de Pesquisa Imagens e Sons, recebe, se própria, se inspira eram ideias contidas, mesmo que difíceis de serem explicadas em contexto acadêmico tradicional, na proposta feita pelos organizadores.

Na era digital, é fácil tirar muitas fotos, mas a tarefa de reflexão sobre si está em escolher as que deseja apresentar como representação de si. Embora se diga que “uma imagem vale mais que mil palavras”, o que vemos em uma foto revela tanto as intenções do autor quanto as experiências e percepções de quem a vê e para isso complementos de sons e/ou palavras ajudam a completar o que falta ao que vê da experiência de quem registra.

Os processos de pesquisa, compartilhados, inspiram ao estimular que um grupo se aproprie do trabalho de outro a partir de suas próprias práticas e daquilo que seus próprios processos, modos e temas de pesquisa podem ser alterados ou complementados com

processos produzidos por outros. Neste sentido, entendemos que não somente os processos de *ensinoaprendizagem* se potencializam exponencialmente, mas as próprias práticas de criação de novas invenções democráticas, nesses encontros necessários das diferenças nos cotidianos escolares, não se permitem esgotar ou se perder perante os constantes assédios homogeneizantes e uniformizadores da vida contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores; cotidianos escolares; audiovisual; jovens

professor@s

REFERÊNCIAS

BARCHI, Rodrigo. Não há educações ambientais sem as radicais democracias: ou das perspectivas ecologistas em educação contra os fundamentalismos. In: CORREIA, Fábio Caires; VILLAS-BOAS, João Paulo Simões; MENDES, Igor Adolfo Assad (Org.). **SOBRE A(S) DEMOCRACIA(S):** teorias, modelos, críticas. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024, p. 263-284. Disponível em: <https://www.fundarfenix.com.br/ebook/303teoriasmodelos>

BRENNER, Ana Karina e CARRANO, Paulo. A escuta de imagens na pesquisa narrativa com jovens. **EDUCAÇÃO E PESQUISA**, [S. l.], v. 50, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/226323>

MILLS, Charles Wright. **A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.